



Um estudo da matemática escolar a partir do caderno de Maria

A study of school mathematics from the Maria's notebook

Suele Lopes Pedroso¹

Edilene Simões Costa dos Santos²

Resumo

Temos como proposta apresentar discussões sobre atividades de um caderno de tarefas de 1962, evidenciando os conteúdos de matemática em relação à cultura escolar. O caderno em estudo contém tarefas de diversos conteúdos do ensino de matemática. Temos como objetivo analisar como era o ensino de alguns conteúdos de matemática a partir das atividades contidas no caderno. Para esta proposta traremos como referencial teórico-metodológico autores como Julia, Chartier como base sobre cultura escolar evidenciando como um componente importante na História Cultural. Será utilizado como fonte de pesquisa o caderno de tarefas de uma aluna do 4.º ano do primário. Contudo, infere-se, a existência entre os conteúdos vistos no caderno de tarefas como artefato da cultura escolar, assim como, questões sobre as práticas da professora em relação aos métodos de ensino.

Palavras-chave: Paranaíba; Práticas Escolares; Caderno; Documentos.

CONTAR HISTÓRIAS NOS REVELAM OUTRAS HISTÓRIAS

Entendemos que o passado não pode ser reconstituído, mas na história da educação escolar, com o auxílio de documentos, arquivos e possíveis relatos de pessoas que vivenciaram os períodos analisados, estes fatores contribuem para entendermos como diversos acontecimentos possivelmente se constituíram. Dos vestígios do passado podemos investigar acerca da matemática escolar a partir da historiografia. No entanto, não podemos construir a história tal como ocorreu, porém, conseguimos evidenciar acontecimentos a partir de indícios do passado.

Trabalhamos considerando que “[...] não é possível continuarmos a perceber a história como sagrada, intocável e com definições de cada momento histórico (começo, meio e fim), desconsiderando as relações que constituem as práticas

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). suele_slp@hotmail.com

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). edilenesc@gmail.com

cotidianas e seus discursos (Oliveira, 2013, p. 4)”.
Compreendemos possíveis transformações no ensino de matemática baseado em fatores sociais, políticos e culturais apoiados em contextos históricos culturais que se modificam com o tempo. Diante dessas mudanças tanto nos processos de ensino como na cultura escolar da Matemática muitas transformações ocasionam o desenvolvimento desta disciplina com práticas e finalidades diferentes.

Nesse sentido, entre as várias fontes historiográficas que nos possibilitam estudar dentro da História Cultural Escolar estão os cadernos escolares, neste caso, nosso objeto de estudo. Consideramos que isso nos possibilita compreender os processos de ensino e como escopo as práticas do professor no contexto escolar.

O caderno foi encontrado a partir da possibilidade da proposta inicial que contemplaria a dissertação de mestrado, assim foram feitos por anúncios pela *internet* na cidade de Paranaíba. Foi publicado por meio do aplicativo *whatsapp* e em grupos *online* no *facebook* um anúncio dirigido à população da cidade de Paranaíba pedindo a colaboração de pessoas que tivessem disponibilidade para empréstimo ou doação desses materiais. A partir desta, foi disponibilizado pela filha da aluna o caderno discutido neste artigo.

O caderno selecionado para análise foi cedido pela filha Ivânia Regina Mendes Pereira Alves, sendo a mãe e aluna Maria Mendes de Freitas a qual o mesmo pertenceu. Foi utilizado pela aluna no quarto ano do primário do Colégio Educandário Santa Clara, localizado na cidade de Paranaíba no então Estado do Mato Grosso Uno (denomina-se assim pelo fato de no ano de 1962 os territórios dos atuais estados de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso fazerem parte Estado do Mato Grosso, havendo a divisão dos mesmos em 1977).

Este caderno possui capa marrom, com espiral e nome da aluna (escrito pela mesma) intitulado “caderno de tarefas”. Tomamos o caderno como objeto de estudo considerando que ele poderia apontar alguns aspectos do ensino de matemática nessa escola na cidade de Paranaíba em 1962.

Durante o século XX a cidade de Paranaíba contava com uma população predominantemente rural, onde se concentravam os meios de subsistência (agricultura, pecuária) na época. Segundo Campestrini (2002), os dados de 1992 relatavam que o município possuía nove escolas da rede estadual e cinquenta e oito escolas na rede municipal, observado sua maioria na zona rural e apenas duas na área urbana.

De acordo com Campestrini (2002), o Educandário Santa Clara localizado no município de Paranaíba foi fundado em agosto de 1952 sendo uma escola privada. Deste modo, a mesma,

[...] foi criada em Paranaíba (MS), por lideranças locais e regionais em conjunto com membros da Ordem dos Frades Menores (OFM), mas foi dirigida desde a sua inauguração por freiras provenientes da Alemanha, vinculadas à Congregação das Irmãs Franciscanas de Siessen. O atendimento às crianças foi por longo período, destinado ao internato para meninas e externato de aspecto misto (Borges; Paes, 2015, p. 1-2).

Este caderno era utilizado para realização dos deveres escolares. Pesquisas neste campo expostas por um grupo de estudos da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) de Paranaíba, denotado GEPHEB (Grupo de Estudos e

Pesquisas em História e Historiografia da Educação Brasileira) relatam sobre a história da mesma apontam que o colégio era um internato e externato contribuindo para a historiografia e a cultura escolar.

Entre os conteúdos de matemática abordados neste caderno podemos identificar conceitos de figuras planas e geométricas, juros, problemas relacionados ao cotidiano, área de figuras, estudo da circunferência, medidas de tempo e soma de frações com mesma base. Neste trabalho abordaremos algumas das atividades e conceitos relacionados a estes conteúdos.

O caderno como fonte historiográfica não nos possibilita afirmar precisamente os exatos motivos que da escolha dos conteúdos escolares, mas possibilitou considerar práticas de sala de aula ao trabalharem com tais conteúdos. Segundo Viñao um dos campos dentro da historiografia interessados pela análise dos cadernos escolares é o seguinte: “Um é o das transmissões das diferentes ideologias e valores no meio escolar, aspectos no qual os cadernos garantem, frente ao livro de texto, uma aproximação mais fidedigna a realidade e as práticas escolares” (Viñao, 2008, p. 17).

Ao manusear o caderno surge a seguinte questão: Como era trabalhada a matemática no caderno de tarefas do 4º ano do primário de 1962?

O PERÍODO HISTÓRICO

Os movimentos e reformas de ensino da matemática podem se distinguir na história da educação matemática pela maneira que são trabalhados os conteúdos. Estes são referências que possibilitam fazer relação às reformas de ensino que são mobilizadas em nosso país. Com isso, a matemática diferente de outras disciplinas do currículo sofreu alterações, na prática, por causa de movimentos como, por exemplo, o Movimento da Escola Nova e o Movimento da Matemática Moderna, com foco nas mudanças na formação de professores.

Uma das possibilidades de estudar a história a partir da pesquisa de cunho historiográfico é encontrar vestígios para auxiliar na interpretação de movimentos históricos, acontecimentos e prática educacional. Neste sentido, direcionamos estudos a partir de documentos, cadernos, livros didáticos, dentre outros que consigam contemplar estes movimentos.

Nesta perspectiva, apoiamos em Julia (1995, p. 7), pois,

O historiador sabe fazer flechas com qualquer madeira: quanto ao século XIX, por pouco que procure e que se esforce em reuni-los, os cadernos de notas tomadas pelos alunos (mesmo sendo grande o risco de se verem conservados apenas os mais bonitos deles) e os cadernos de preparações dos educadores, não são escassos⁹ e, na falta destes, pode-se tentar reconstituir, indiretamente, as práticas escolares a partir das normas ditadas nos programas oficiais ou nos artigos das revistas pedagógicas.

Entende o conceito de tarefas como um método que os professores para avaliar os alunos fora do ambiente escolar e também para que o aluno desenvolva sua autonomia para desenvolvê-las. Frequentemente, como podemos perceber que no primário os alunos utilizam de cadernos separados para essas atividades. As atividades contemplam diversos conteúdos, tais como, língua portuguesa (gramática e interpretação), história, geografia, ciências e matemática sendo o conteúdo em

que iremos dar ênfase.

O caderno possui algumas páginas soltas ao final, às quais vemos que pelo formato é de um caderno de brochura. Assim, me suscitou a questão se as folhas pertencem ou não ao mesmo e se são realmente daquele ano específico, porém, analisei que como a professora sempre escreve o cabeçalho que contempla a data, nome da cidade isso possibilita afirmar que pertencente ao caderno.

Enfatizamos que a abordagem dada no caderno de tarefas irá nos possibilitar compreender de que maneira ocorria o ensino da matemática no quarto ano do primário no ano de 1962. Neste período, o Brasil acabará de aprovar no ano anterior com a Lei 4.024/61 denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) que compete várias alterações no ensino, como dever do estado. Ao ensino primário, neste caso, compete o seguinte artigo nos diz: “Art. 25. O ensino primário tem por fim o desenvolvimento do raciocínio e das atividades de expressão da criança, e a sua integração no meio físico e social”.

O CADERNO DE TAREFAS COMO OBJETO HISTÓRICO

A história é constituída a partir dos fatos sociais que ocorrem no decorrer do tempo. Cada nação tem uma história de acordo com os processos sociais, políticos e econômico que o país sofre, porém, há nações que se constituem socialmente a partir do processo de colonização. O Brasil é um país que se formou socialmente em relação à cultura dos colonizadores e também as diversas culturas que se instauraram nele desde sua colonização.

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoante as classes sociais ou os meios intelectuais, são produzidas pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço a ser decifrado. (Chartier, 2002, p. 16-17).

Um dos papéis do historiador é constituir fontes históricas. Este é um trabalho difícil em relação aos materiais escolares, documentos e objetos que podem ser utilizados para escrever a história, dado que, no Brasil não possui políticas públicas de conservação dos mesmos. Nesta perspectiva, o caderno de tarefas encontra-se em um estado de conservação precário.

Entendemos que, uma fonte de pesquisa pode nos conduzir a diferentes interpretações e a preservação desses objetos nos possibilita conhecer como eram realizadas atividades em períodos passados. Neste caso,

A tarefa para casa é um importante complemento didático para a consolidação da aprendizagem (...) consiste nas tarefas de aprendizagem realizadas fora do período escolar (...) é um indicativo das dificuldades dos alunos e das deficiências da estruturação didática do trabalho do professor (...) exerce uma função social, pois através delas os pais tomam contato com o trabalho realizado na escola, na classe de seus filhos, sendo um importante

meio de interação dos pais com os professores e destes com aqueles (Libâneo (1992), p. 192 apud. Paula (2000), p. 76).

Desse modo, os cadernos escolares são um testemunho da cultura escolar de forma que,

[...] serve como registro de boa parte das atividades desenvolvidas em sala de aula pelos alunos, cumpre fortemente a função de proporcionar o controle e o conhecimento, por parte do professor, daquilo que o aluno faz. Pelas páginas desse material escolar é possível identificar o que foi e o que não foi realizado, de que forma foi feito, quais foram os erros e os acertos. Até mesmo as correções e o uso da borracha deixam marcas que podem ser identificadas (Santos; Souza, 2005, p. 294).

O caderno nos permite conhecer quais conteúdos eram lecionados em sala de aula, podemos ter indícios da metodologia abordada pela professora, e motivos pelos quais eles eram ministrados. Estes apontamentos fazem com que possamos discutir o ensino de conteúdos de matemática abordados no caderno de tarefas.

Neste viés entra em cena a história da cultura escolar, que se admite como uma opção e nos mostra as diferenças de tratamento que a Matemática sofre, de modo que, utilizamos os programas de ensino, guias curriculares, cadernos escolares e outros documentos para delimitar momentos históricos na Matemática.

A História Cultural nos possibilita buscar a partir da fonte, de documentos e até a fatos sociais englobando classes de pessoas sejam elas com um prestígio social conceituado ou não, deste modo, permite-se obter uma análise sobre o sistema educacional em períodos anteriores. Pode-se assim,

[...] descrever a cultura escolar como um conjunto de *normas* que define conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (Juliá, 1995, p. 2, grifos do autor).

Deste modo, pesquisar a história, a partir de um conjunto de pensamentos, atitudes, valores, acontecimentos cotidianos, enfim, recriar a história em consonância também com experiências cotidianas de pessoas, povos, pessoas sem nenhum prestígio social, ou seja, a história criada por todos e não por uma classe seleta, detentora de poder. Este modelo está presente na História Cultural, que, a meu ver, torna-se importante para a formação de professores.

RECORTES: UM ESTUDO ACERCA DOS CONTEÚDOS DE ENSINO

Os cadernos escolares estão presentes no dia a dia de alunos e professores no cotidiano escolar. A utilização desses objetos na escola por parte dos alunos tem como um dos objetivos ajudar na aprendizagem dos mesmos, pois, o professor utiliza do auxílio deste material para que eles copiem atividades e conceitos e possam estudar a partir deste objeto.

Nesta perspectiva, os cadernos escolares fazem parte da cultura escolar. Esta tem a possibilidade de definir conceitos e fazeres próprios da escola, atividades ou objetivos que nascem dentro do ambiente escolar e se solidificam com o tempo. Ou seja, os cadernos são registros históricos da cultura escolar.

Quarto Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática

Os cadernos como podemos perceber é uma importante fonte de pesquisa por possibilitar registrar cotidianos escolares. Assim, partindo da ideia de que compreender o que o caderno escolar é um registro historiográfico, nos possibilita observar a prática.

Em consonância com Santos e Souza (2005) da mesma forma que os cadernos escolares podem ser uma fonte de pesquisa para se compreender o cotidiano escolar, ele serve como registro das relações entre professor e aluno, aluno e ensino, e também as exigências impostas em sala de aula.

Na educação em relação às reformas de ensino, Soares (2004, p. 7-8) ressalta que,

Autoritárias ou não, essas reformas nem sempre conseguiram sanar os problemas existentes no ensino de matemática. Todavia, é importante recuperar essa parte da história, que permanece desconhecida para grande parte daqueles que ensinam matemática, e preencher ainda uma lacuna dentro da história da educação matemática no Brasil, que conta com a dedicação de poucos pesquisadores.

A primeira tarefa data de 11 de agosto de 1962, em que o aluno é levado a resolver a área do trapézio.

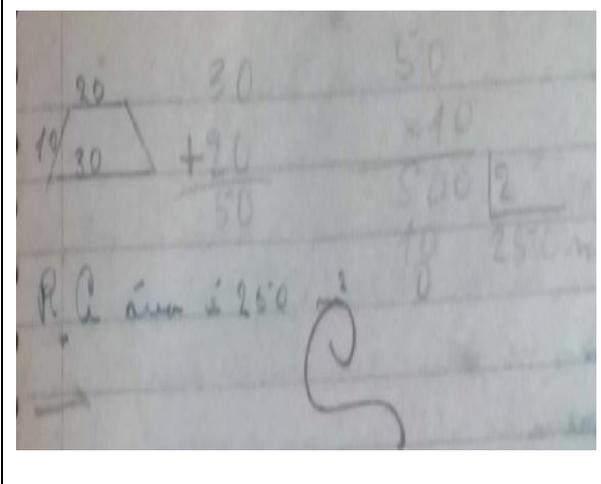
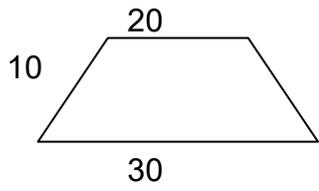
	 $\begin{array}{r} 30 \\ +20 \\ \hline 50 \end{array} \quad \begin{array}{r} 50 \\ \times 10 \\ \hline 500 \\ \\ 10 \\ \hline 250 \\ \\ 0 \end{array}$ <p>R: A área é 250 m³</p>
--	--

Figura 2 - Resolução de um exercício sobre área
Fonte: Arquivo pessoal Ivânia Regina Mendes Pereira Alves.

Podemos observar na resolução deste exercício, que o método utilizado neste caso abordou a fórmula algébrica do trapézio, colocando o valor da altura sendo 10 no desenho percebemos que a aluno fez a atividade de maneira intuitiva. Possivelmente, relacionando com a figura 2 o professor utilizava dos seguintes passos de ensino: I. Somar base maior com base menor; II. Do resultado de I a soma das bases multiplica-se pelo lado que marca dez (a altura); e por último; III. Dividi-se o resultado de II por 2.

Desta maneira, percebemos que mesmo de maneira intuitiva, utiliza a fórmula da área do trapézio, os passos seguidos para encontrar à solução resultam da fórmula $[(B + b) \times h] / 2$. Assim, entendemos que o professor ensina para o aluno a sequência de operações induzindo a fórmula da área do trapézio.

Existem pontos de Geometria, que estão em folhas de brochura soltas no

final do caderno, estes fazem explicações com conceitos sobre a geometria e também as denominações que classificam as áreas são abordadas no final do caderno com folhas diferentes. Inferem-se então que os conceitos e explicações que poderiam ajudar a desenvolver as atividades eram feitas em sala de aula com prescrições para a realização das tarefas posteriormente.

	<p>Ponto de Geometria Divisão da Circunferência</p> <p>Cada espécie de grandeza tem as suas unidades. A circunferência também pode ser medida, e as unidades usuais disso são os graus, minutos e segundos. Os minutos e segundos são representados de forma diferente dos minutos e segundos da hora. A circunferência está dividida em trezentos e sessenta partes iguais, e cada parte toma o nome de grau. O grau tem 60 minutos e o minuto 60 segundos. Ex: $23^{\circ} 27' 30''$, e que se lê: 23 graus, 21 minutos, 30 segundos. A circunferência tem 360°, a semicircunferência 180° e o quadrante tem 90° um quarto da circunferência. Se traçamos uma circunferência e a cortamos pelo meio com dois diâmetros</p>
--	---

Figura 3 – Ponto de Geometria: Divisão da circunferência
Fonte: Arquivo pessoal Ivânia Regina Mendes Pereira Alves.

	<p>perpendiculares, teremos 4 ângulos retos cada um medindo 90°. O transferidor, instrumento, semicircular, dividido em 180° é próprio para medir ângulos.</p>
--	--

Figura 4 – Ponto de Geometria: Divisão da Circunferência
Fonte: Arquivo pessoal Ivânia Regina Mendes Pereira Alves.

Na figura 3 a abordagem do ensino da Matemática em linguagem escrita, percebemos como era concebido o ensino deste conteúdo. O mesmo traz uma explicação detalhada sobre a circunferência.

Na figura 4 observamos o ensino da divisão de ângulos e graus com um desenho que teve como utilização, materiais manipuláveis, tais como, o transferidor (visto no caderno) e a régua. Deste modo, podemos inferir que a prática do professor consistia em desenvolver atividades com os alunos com a utilização desses materiais.

Podemos observar que primeiro eram expostos conceitos e depois era feita a construção geométrica da circunferência. Percebemos que foi realizada a construção de uma circunferência completa a divisão dos ângulos no primeiro quadrante, isso nos mostra que a prática de ensino estava em explicar todos os conceitos e em seguida, fazer as partições realizando a construção da semicircunferência.

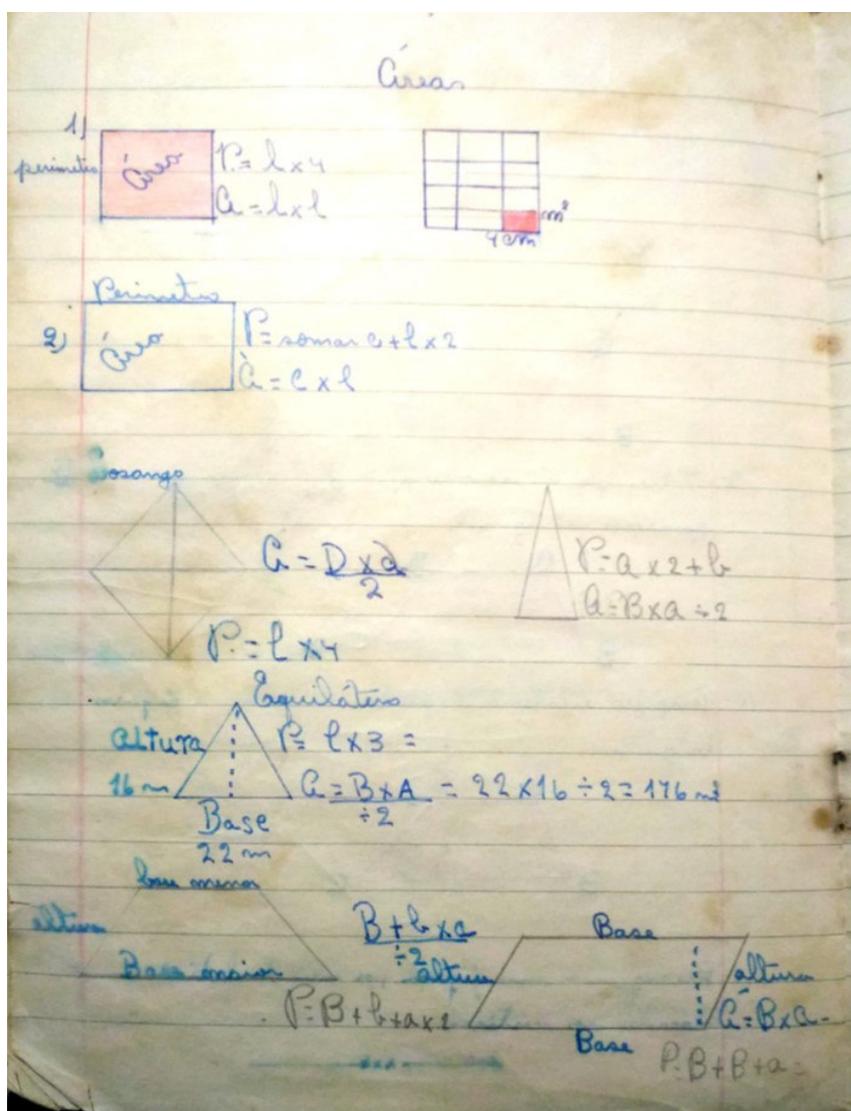


Figura 5 – Área e perímetro de figuras planas
 Fonte: Arquivo pessoal Ivânia Regina Mendes Pereira Alves.

Neste caso, são abordadas fórmulas algébricas de área e o perímetro dos quadriláteros e triângulos. Podemos inferir que a construção das figuras era

realizada com utilização de régua, devido à construção sem irregularidades. Percebemos que a representação do quadrado está pintada, assim observamos que o professor ensinava comparar a área de uma figura plana como à sua superfície, escrevendo área dentro da figura. Inferimos também, que o perímetro na representação do retângulo como está escrito acima da linha desta figura, o que indica que está associando o perímetro como a soma dos contornos da figura.

Analisamos que os desenhos das figuras planas apresentam-se de modo a associar às suas respectivas fórmulas algébricas delimitando conceitos como altura, base, perímetro como observados. Com isso, não observamos nenhum enunciado logo este pode representar os pontos de geometria como modelo explicativo.

Além disso, percebemos que possui a classificação como referência do triângulo equilátero que pode ser um indício de que a prática dos professores era fazer várias abordagens sobre determinado conteúdo, deste modo, realizando a classificação dos triângulos pela sua representação.

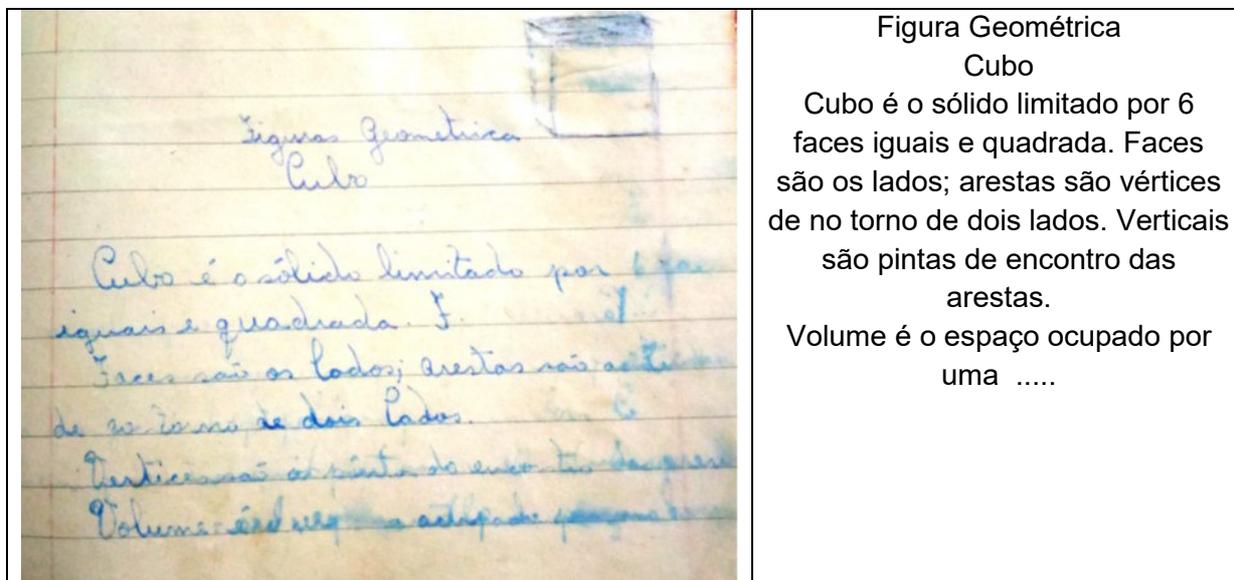


Figura 6 – Figuras Geométricas: Cubo
Fonte: Arquivo pessoal Ivânia Regina Mendes Pereira Alves.

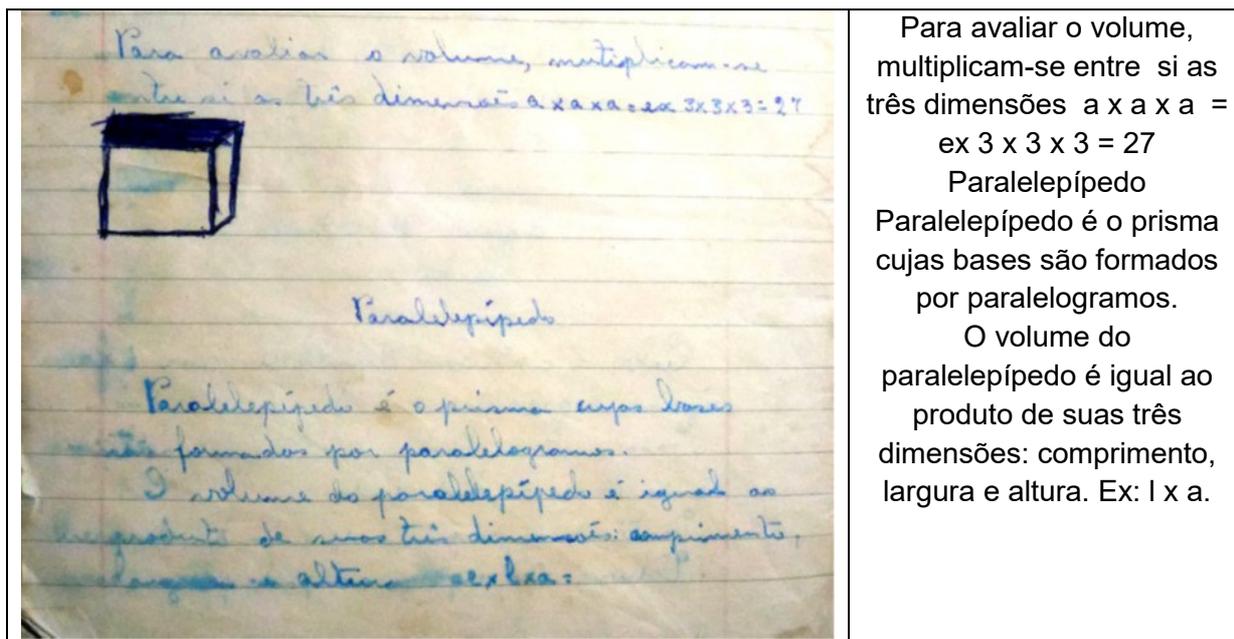


Figura 7 – Paralelepípedo

Fonte: Arquivo pessoal Ivânia Regina Mendes Pereira Alves.

Nas figuras seis e sete temos a relação do ensino do volume do cubo e do paralelepípedo. Neste caso, percebemos a explicação na figura 6 relata que o cubo é formado por figuras planas. Deste modo conceitua com definições de arestas, vértice que são elementos dessas figuras geométricas, enquanto o volume não é possível interpretar como era conceituada por conta da precariedade de conservação da folha.

Na figura 7 que é a continuação da anterior explica como se encontra o volume do cubo a partir das dimensões. Na sequência já nota uma aplicação com “a” igual a (três), porém, na figura não percebe o valor dessa dimensão, ou seja, inferimos que o professor tem a preocupação de explicar a partir de exemplos com valores. A imagem abaixo explica qual à medida que utilizamos para denotar o volume, sendo o m^3 .

No conteúdo da sequência é abordado um início do conceito de pirâmide que já possui um estudo mais minucioso, deste modo, podemos inferir que a professora como profissional autônomo pode apropriar-se desse conteúdo por achar necessário, visto que os alunos já estão estudando as figuras geométricas, porém, não possui formulas, nem exemplos de aplicação do mesmo modo que não contém exercícios sobre pirâmides.

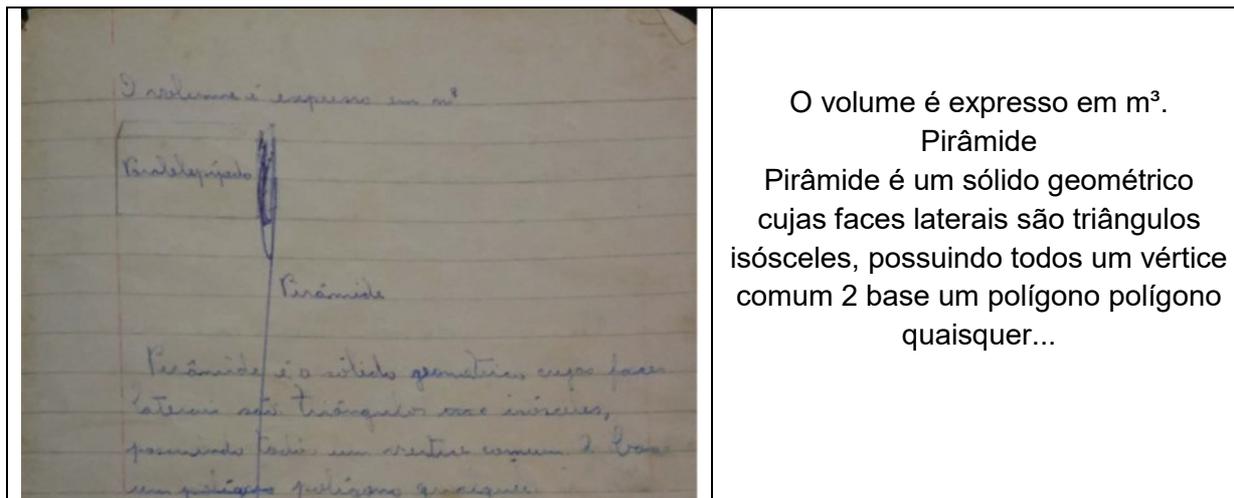


Figura 8 – Volume do Paralelepípedo/Pirâmide
Fonte: Arquivo pessoal Ivânia Regina Mendes Pereira Alves.

INÍCIO, MEIO E FIM... A SEQUÊNCIA IN(EXISTENTE) NA HISTÓRIA

A historiografia nos possibilita estudar práticas historicamente construídas. Este processo comporta transformação e faz parte da cultura escolar que relaciona às mudanças no ensino. Neste estudo inferimos que os conteúdos de matemática observados fazem relação com a cultura escolar por ter seu desenvolvimento na escola. A professora utiliza de abordagens de exercícios de aplicação de maneira intuitiva.

Percebemos que a aluna resolvia todas as atividades e nota-se que na primeira atividade de matemática ela teve uma avaliação de 7,5 pontos, progredindo nas atividades posteriores, o que nos mostra um possível desenvolvimento dela. Com essa análise percebemos a preocupação em utilizar de um método avaliativo, de controle.

A partir do caderno de tarefas analisamos os processos de ensino nas atividades, em sua maioria, era feito a correção pela professora de caneta vermelha e eram atribuídas notas, se observa que, em geral os cadernos são avaliados com notas de zero a dez, assim como é atualmente na maioria das escolas.

Os conteúdos estavam organizados primeiramente com problemas de Matemática, as atividades seguintes constam tarefas das matérias de português, geografia, dentre outras. Percebemos que há questionários no decorrer dos conteúdos que fazem um agrupamento de atividades das diferentes disciplinas estudadas como se fossem avaliações. Ou seja, este caderno de tarefas poderia ser organizado como o intuito de avaliar como prova dos alunos durante o ano.

Percebemos que muitas atividades de outras disciplinas têm enunciado como, "Ditado", "Cópia: Predicativo do Sujeito". Com isso, ao analisar essas duas palavras, ditado e cópia esses termos nos possibilita inferir que este caderno era utilizado pela professora dentro da sala de aula, sendo uma atividade de ditar palavras com objetivo de escrita e a outra como uma atividade passada em lousa. Como já mencionada um caderno pode ter sido utilizado pela professora como cópia um objetivo de um ensino intuitivo.

Contudo, os cadernos escolares possuem na historiografia o papel de “guardador de memórias” e muitas vezes são utilizados para estudo das práticas escolares. Neste caso, abordamos conteúdos de matemática que mostram que no período de 1962 eram ensinados conteúdos de geometria nos primeiros anos escolares, deste modo, auxiliamos na constituição da cultura escolar a partir desse objeto.

Referências

- Almeida Costa e Santos, A., & Proença Rebello de Souza, M. (2005). Cadernos escolares: como e o que se registra no contexto escolar?. *Psicologia Escolar e Educacional*, 9(2).
- Barbosa, a. O., & sales, d. S. (2018). Aplicação do conceito de cultura escolar em projetos sobre escolas confessionais. *Anais do seminário formação docente: intersecção entre universidade e escola-issn: 2594-746x*, 2(2).
- Campestrini, H. (2002). *Santana do Paranaíba (de 1700 a 2002*. Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul.
- Chartier, R. (1991). O mundo como representação. *Estudos avançados*, 5(11), 173-191.
- Chartier, R. (2a ed.). (2002). **A história cultural: Entre práticas e representações**. Lisboa: [s.n], 244 p.
- Chervel, A. (v. 2, n. 1). (1990) História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & educação**, p. 177-229.
- da Silva, M. B. O., & Búrigo, E. Z. (1890). Divisibilidade em um caderno do ensino primário dos anos 1950.
- dos Santos, T. B., & Paes, A. B. (2014). Escolarização da infância em Paranaíba (mt): memórias de alunas do educandário santa clara (1955-1965). *Anais do enic*, (6).
- dos Santos, E. C. R. (2015). Escolas reunidas: um modelo entre as escolas isoladas e os grupos escolares em Mato Grosso. *Revista HISTEDBR On-line*, 15(61), 290-305.
- Julia, D. (2001). A cultura escolar como objeto histórico.
- Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961*. (1961). Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e dá outras providências.
- Oliveira, P. (2013). Como ensinar matemática na Escola Ativa? As orientações para o professor primário contidas nos periódicos pedagógicos do período de 1930 a 1960.
- Paula, F. A. D. (2000). Lições, deveres, tarefas, para casa: velhas e novas prescrições para professoras.

- Soares, F. D. S., Dassie, B. A., & Rocha, J. L. D. (2004). Ensino de matemática no século XX—da Reforma Francisco Campos à Matemática Moderna. *Horizontes, Bragança Paulista*, v. 22, n. 1, p. 7-15, jan./jun. 2004.
- Viñao, Antonio. (2008). Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. A. C. V. M. Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita (Vol. 1, 1º ed., pp. 270). Rio de Janeiro: EdUERJ

Sessão Coordenada 24

Ivete Baraldi

ANÁLISE DE UM LIVRO DE GEOMETRIA PLANA

Fernando Guedes Cury

O ENSINO DE GEOMETRIA DO CURSO PRIMÁRIO EM TEMPOS DE ESCOLA NOVA: O QUE DIZ A REVISTA DO ENSINO?

Joana Kelly Souza dos Santos

A GEOMETRIA PARA ENSINAR DE OLAVO FREIRE

MÁRCIO Oliveira D'ESQUIVEL - retirado